

- RAGO, L. M. De Eva a Santa, a dessexualização da mulher no Brasil. In: RIBEIRO, R. J., org. *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp.219-228.
- SCHLICHTHORST, C. (1826). *O Rio de Janeiro como é. 1824-1826 (Humana vez e nunca mais)*. Contribuições dum diário para a história atual, os costumes e especialmente a situação da tropa estrangeira na capital do Brasil. Trad. de Emmy Doot e Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1945.
- SUZANNET, Conde de L. de Chavagnes (1845). *O Brasil em 1845: semelhanças e diferenças após um século*. Trad. de Márcia de Moura Castro. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1857.
- TEIXIDOR, F. *Prólogo à Calderon de la Barca. T. E. La vida em Mexico: durante uma residência de dois años en ese país*. México: Porrúa, 1959. 2 v.
- TOUSSAINT-SAMSON, A. (1843). *Viagem de uma parizense ao Brasil: estudo e crítica dos costumes brasileiros*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Constr. de J. Villeneuve & C., 1883.

## Mulheres e famílias

Entre os viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil durante o século XIX e deixaram testemunhos escritos sobre o que viram, ouviram e refletiram, existe uma parcela reduzida que, diante do corpo documental levantado, apresenta algumas características específicas. Boa parte dos livros de viagem é composta de esforços de uma compreensão geral da vida brasileira, em alguns lugares e em determinados momentos. Esta parcela, constituída por viajantes-mulheres, escreveu livros menos ambiciosos, de caráter mais pessoal, e com maior frequência produziu uma dupla documentação: sobre a vida cotidiana da população visitada, através da recuperação de condições da vida feminina no país de origem.

A primeira das características específicas dessa parcela é ser muito reduzida. O número de mulheres que viajavam (e deixa-

vam registrada sua viagem) era muito menor que o de homens. Nos cento e cinquenta viajantes levantados na pesquisa documental realizada entre 1978 e 1982 (Moreira Leite, 1980), foram encontradas cinco mulheres na primeira metade e doze na segunda metade do século XIX. Essa desproporção é facilmente compreensível. A mulher viajante rompia alguns dos padrões mais incorporados e difundidos no século XIX — de condições de vida diferentes entre homens e mulheres. Não apenas a viagem é uma ampliação desmedida do espaço socialmente atribuído às mulheres, como aquelas que escrevem e publicam transgridem outros dois padrões aceitos para a vida feminina — que sejam caladas e solitárias e estabeleçam os elos entre as diferentes gerações da família de que fazem parte. Nos casos em que viajaram com os maridos, ainda assim transgrediram essas normas, revelando-se publicamente através dos escritos e delegando aos membros da família que ficaram no país de origem o culto da família e de seus mortos.

Além disso, sabe-se como era declarada a misoginia dos marinheiros: "Mulher em barco dá azar!". Na primeira metade do século XIX, as viagens transatlânticas em caravelas pressupunham condições muito penosas de convivência em alto-mar, sujeitas a ataques de piratas e a tempestades ferozes. Os naufrágios eram frequentes, após uma luta desigual dos barcos entre imensos vagalhões, capazes de varrer tombadilhos, penetrar os porões e cabines e rebenhar o cordame. Os trabalhos de bordo eram habitualmente desempenhados por marinheiros escolhidos entre musculosos homens rudes, apaixonados pela vida no mar, onde não havia lugar para a mulher. Mesmo na segunda metade do século XIX, quando começa a haver linhas regulares de navios a vapor, que atravessavam o Atlântico, os navios à vela continuavam a fazer o percurso em três meses ou sete semanas, com condições precárias de abasteci-

mento e higiene. Mesmo assim, não só houve mulheres que se dispuseram a passar anos em viagens de circunavegação ou pelas costas continentais, como entre as levas de imigrantes houve as que deram à luz em alto-mar, e as que viram os filhos serem aí sepultados.

Certa manhã acordei com gemidos de desespero vindos do tombadilho: vesti-me rapidamente e fui saber o que era. Os gritos penetrantes eram de uma jovem mãe, cujo filho de três meses morrera durante a noite, e que não queria deixar que jogassem no mar o pequeno corpo. O capitão deu ordens para que o tirassem à força, o costurasssem num pano e o lançassem de bordo. Por alguns segundos a mortalha ficou boiando sobre as águas e depois submergiu nas ondas.

No dia seguinte, morreu uma bonita menina de quatro anos: o mar engoliu também esse cadáver.

(...) Com alguns dias de intervalo, três crianças nasceram a bordo. As mulheres ajudaram umas às outras e tudo se passou a contento. O homem mais idoso do navio batizou provisoriamente as três criaturinhas, uma, nascida na altura da costa do Brasil, recebeu todos os direitos de cidadã da nova pátria. (Langendonck, 1862, pp. 8-9)

Entre as novas escritoras-viajantes existe uma consciência nítida de sua condição de exceção entre os que escrevem (o que seriam raras, de terem menor acesso à educação, menor capacidade intelectual, limitações dos lugares a que podem comparecer, tipo de questões que podem abordar, bem como restrições à publicação de seus testemunhos ou ainda as transgressões cometidas ao escrever). Algumas eram escritoras — se bem que pouco conhecidas — com obras anteriores ou posteriores ao livro de viagem. Mas a maioria é de não-profissionais, que se limitaram a escrever cartas a parentes e amigos, ou a registrar suas experiências num diário, sem intenção de uma publicação posterior. Produziam, assim,

obras mais modestas que as de alguns dos extensos relatórios de viagem que, principalmente na primeira metade do século XIX, chegaram a se estender por diversos volumes.

Uma característica desses livros é, em certos casos, a espontaneidade resultante de não terem sido escritos com vistas à publicação. Existem nesses alterações de perspectivas e de opinião e uma liberdade de expressão e de temas conferida pela conversa íntima, em que é possível ignorar as conveniências sociais em favor de uma comunicação mais direta, mais fluente e menos padronizada. No século XIX, o domínio das letras e da literatura é um campo acentuatadamente masculino. As mulheres que escrevem procuram, em seus livros, submeter-se ou desenvolver os padrões masculinos estabelecidos. Aparentemente, contudo, é possível ver pouca diferença entre o que os viajantes e as viajantes escreveram, desde os temas até à forma. Ligaram seus testemunhos pessoais à problemática social do país visitado, manifestando os propósitos instrutivos que tinham em relação aos possíveis leitores. E tanto nos livros de viajantes, como nos das mulheres, é importante comparar os diferentes testemunhos, em vários momentos, a fim de não tomar como gerais traços individuais, e não afirmar que não existe o que simplesmente não se viu, ou supor que o que se observou é o habitual.

Inglêses, norte-americanas, francesas, austríacas, belgas, alemãs ou espanholas, embora diferenciadas pela classe social — aristocratas, burguesas ou pequeno-burguesas —, mais diferenciadas ainda pelo estado civil — a maioria viajou como acompanhante do marido e escreveu o livro nessa condição —, têm em comum um passado e uma formação cultural metropolitana, que transparecem entre seus inventários de costumes e hábitos, instituições públicas e particulares, relações familiares e sociais, festas, cantos

e danças e ambiente ou atmosfera do local visitado. As observações constituem uma comparação implícita entre as condições sociais do local de origem e as do local visitado. Suas referências a mulheres abastadas, a escravas, a mestiças e a mulheres pobres têm ritmo diferente, de acordo com os contextos estabelecidos, e são feitas contra um fundo histórico, que variou — ou revelam aspectos do período colonial, da escravidão, do período de lutas de independência, do período da extinção do tráfico negro, do processo de urbanização com seu progresso industrial. Recuperaram uma série de aspectos da vida cotidiana, dentro e fora das casas de família, não incluídos habitualmente em outras obras históricas e geográficas. E, como no caso dos viajantes, a viagem e os livros produzidos são desdobramentos da revolução industrial — ou estão fugindo às condições de vida criadas pela industrialização e a urbanização ou representam interesses econômicos, científicos, educacionais e políticos do processo de industrialização do outro lado do Atlântico.

A leitura das viajantes estrangeiras que estiveram no México e no Caribe (Calderon de la Barca, *s/d*; Araújo, 1983) contribuiu para o interesse numa análise intertextual dos livros produzidos. Não se trata apenas de uma literatura específica, pelo fato de as autoras apresentarem traços comuns, provenientes de sua condição feminina. A análise intertextual revela condições sociais da produção literária através do século XIX. Muitos dos livros resultaram da subscrição de conhecidos, entre os quais, outros viajantes. Ainda assim, e mesmo com o auxílio de autores famosos, os livros só foram publicados muito depois da morte das autoras, não tiveram traduções ou reedições em português, havendo inúmeros que foram escritos sob pseudônimo ou então assinados exclusivamente com o sobrenome do marido. Sem se referir ao texto, esses dados contribuem para a recuperação das condições da

mulher escritora — tratava-se de uma exposição pública não sancionada, que era preciso amenizar através do ocultamento pelo pseudônimo ou pelo nome legitimador do marido. Observe-se que, como os viajantes-homens, algumas autoras foram contestadas e ridicularizadas por seus leitores, tradutores e transcritores. Nunca se lhes perdeu a má grafia dos nomes dos locais, fauna, flora e outras denominações. Os tradutores chegaram a apontar em notas os mal-entendidos culturais e linguísticos, para comprovar a ignorância das autoras. Contudo, nem sempre apontam os preconceitos de classe ou de raça, de que partilham, como membros da camada letrada dos brasileiros. Um exemplo é a tradução de um livro de qualidade, o de Adèle Toussaint-Samson (Toussaint-Samson, 1983), em que o tradutor-crítico sentiu até necessidade de se ocultar sob iniciais. O tom da nota (1) da p. 16 é expressivo:

Eis uma cousa que todos nós brasileiros ignorávamos: Niterói já foi capital do Brasil. A autora, se quera escrever conscienciosamente sobre este país, devia antes de tudo empregar algumas horas em ler a sua história, que não é longa.

Uma das diferenças entre as escritoras-viajantes e o estado civil. As casadas são em maior número. A minoria empreendeu a viagem como acompanhante do marido, sem um projeto próprio além de colaborar no trabalho a ser desenvolvido pelo companheiro cientista, diplomata, oficial ou comerciante. Algumas escreveram o livro em parceria com eles e há casos em que se observa uma atitude acentuada de aluna e mestre, na escritura do casal escritor, como nos livros de Elizabeth Cabot Agassiz e de Isabel Burton (Agassiz, 1975; Burton, 1893). Em outros, o marido limita-se a sancionar a obra da esposa. É o caso da viagem de onze meses com a família, sobre a qual o marido de Annie Brassey (Brassey, 1878) antepôs um prefácio nestes termos:

A viagem não teria sido feita e, sem dúvida, nunca teria se completado sem o impulso derivado de sua perseverança e determinação. Ainda menos qualquer registro das cenas e experiências da longa viagem não teria sido preservado se não fosse por seu intenso desejo, não só de ver absolutamente tudo, mas de registrar fiel e precisamente suas impressões. Não se pode esperar a partir de um escritor profissional nestas páginas simples, mas seu objetivo foi atingido se permitirem que maior número de amigos partilhe do prazer agudo das cenas e aventuras descritas.

As viúvas sempre tiveram uma autonomia legal e efetiva maior que as mulheres solteiras e casadas. Algumas delas se destacaram pelo valor do livro escrito, como é o caso de Maria Graham ou Marie Robinson Wright, ou então pela consciência de sua condição feminina, como Ida Pfeiffer. A primeira foi governanta dos filhos de D. Pedro I e D. Leopoldina e viveu no Brasil por ocasião das lutas de Independência (1822). Marie Robinson Wright fez uma obra dedicada aos presidentes Campos Salles e Afonso Pena, em homenagem ao recente regime republicano. Ida Pfeiffer registra no título do livro, ainda que seja dirigido às Sociedades Geográficas de Paris, Berlim e Amsterdã como relatório de sua viagem ao redor do mundo, a condição anômala de mulher viajante (Graham, 1956; Wright, 1901; Pfeiffer, 1858; Dufresnoy, 1861).<sup>1</sup> Já Mme. Langlet Dufresnoy, que percorreu o Brasil entre 1837 e 1852, se destaca nas 100 páginas de seu livro pelas descrições de seus esforços para viver e sobreviver na terra para onde veio com o marido, aos 17 anos, em busca de recursos. Cuidou de uma pequena propriedade agrícola, preparou plumas e empalhou pássaros que o marido caçava para coleções de História Natural e para exportar. O marido foi negroiro em Santos antes de ir ministrar em Diamantino, Mato Grosso, quando ela o acompanhou, vestida de homem, por ser a única mulher do grupo. Quando o marido

se afofa, na expedição, ela fica costurando, fazendo chapéus e empalhando pássaros em Cuiabá, até obter meios para voltar para a França.

Foi surpreendente encontrar mulheres solteiras entre as viajantes. Uma delas veio com os pais e o livro é um registro de impressões de aspectos da vida no Rio de Janeiro, para ser enviado a parentes, na França.<sup>2</sup> As outras são personalidades marcantes: a governanta alemã Ina von Binzer (pseudônimo de Ulla van Eck) e a princesa Teresa da Baviera. Ina von Binzer veio para o Rio e para São Paulo com 22 anos, como professora formada por métodos alemães, para educar filhos de fazendeiros. Suas cartas a uma colega, que parece também interessada em vir trabalhar no Brasil, são documentos preciosos para a história da família brasileira e para a compreensão da escravidão no limiar da Abolição da Escravatura. Vivendo com famílias brasileiras no interior e trabalhando em colégios de moças, no Rio de Janeiro, caprou em suas cartas bem-humoradas uma série de aspectos da vida de família no interior e no exterior do domicílio. Trata-se de uma escritora e não de uma escrevente, na classificação de Roland Barthes — o que enriquece seus textos de nuances e níveis de expressão poucas vezes alcançados nos livros de que estamos tratando. Não é frequente, como neste caso, a expressão de uma clara consciência do estranho, que se aproxima do outro e tenta compreender tanto as próprias transformações, diante da situação, quanto as reações do outro diante do estranho.

A outra solteira faz a viagem numa situação completamente diferente. Não vem só, como a educadora, nem tem de enfrentar padrões culturais e relacionamentos estranhos sem qualquer apoio familiar, de conterrâneos ou de representantes de sua terra de origem. Therese von Bayern veio para o Brasil com 38 anos, para

uma das expedições botânicas, zoológicas e etnográficas a que se dedicou numa vida que se prolongou até os 75 anos. Veio acompanhada por um pequeno séquito (uma dama de companhia, um acompanhante e um taxidermista); em sua qualidade de princesa foi recebida por seu primo D. Pedro II, e além de sua ajuda contou com a dos cientistas Emilio Goeldi, no Pará, e do geólogo Orville A. Derby, de São Paulo. A viagem pelos trópicos brasileiros nunca foi traduzida do alemão. Foi dedicada a D. Pedro, mas enquanto Tereza catalogava as plantas e animais vistos e coletados e procurava complementar os estudos realizados durante a viagem, a República foi proclamada e o casal reinante morreu exilado. É curioso que, apesar dos contatos estabelecidos no Brasil com governantes e cientistas, e do apoio a que sua condição real fazia jus, a autora pôde observar que os brasileiros eram rápidos em prometer, mas duvidosos ao cumprir. No Prólogo, analisou as características da forma de diário com muita precisão:

Aconselharam-me a publicar minhas aventuras de viagem sob a forma de diário. Segui o conselho. Mas quanto mais me adiantava, mais tomava consciência de que esta forma não era das mais felizes. Impede, por exemplo, de generalizar as impressões e utilizar experiências completadas mais tarde. Se se exprimir globalmente uma situação posterior, mostraremos que se conheceu coisas que mal ou impossivelmente se poderia ter conhecido. Quando me dei conta desta e de outras desvantagens da forma de diário, a obra já avançara demais para ser recomçada de outra maneira.

As vantagens apresentadas pela literatura de viagem, como fonte primária, decorrente da espontaneidade da forma de diário e da correspondência pessoal, resultante de testemunhos pessoais de ocorrências observadas ou de relatos ouvidos em primeira mão, para a autora-naturalista têm o inconveniente de ser

fragmentária. Sua obra tinha outro caráter — tratava-se, aqui, da sistematização teórica do conhecimento reunido e organizado durante a viagem.

A caracterização das autoras pelo estado civil exprime, também, uma inserção inseparável e obrigatória da mulher na família. Mesmo quando está desempenhando atividades profissionais, aparentemente alheias à instituição familiar, no caso da mulher, no século XIX, principalmente, as atividades passam pelo crivo do tempo e do espaço que a posição central na família lhes concede. No caso das viajantes mulheres, fica nítida essa condição de ser social, definido no interior ou no exterior da família. Mesmo no caso das mulheres solteiras, elas viajam acompanhadas pelos pais, vão trabalhar nas casas de famílias brasileiras ou são protegidas pelos laços familiares que se estendem da Europa ao Brasil. Não só é difícil extrair a mulher das diferentes relações familiares, como o grosso dos relatos e reflexões feitos refere-se à família. Embora os viajantes homens também tenham fornecido uma extensa documentação sobre os tipos de família no Brasil, as suas ligações familiares raramente vêm implícitas no texto ou aparecem explicitamente.

Rose de Freycinet foi a primeira mulher a realizar uma viagem de circunavegação, de 1817 a 1820, arrostando regulamentos marítimos que proibiam o embarque a mulheres em navios do Governo Francês. Por devoção conjugal vestiu-se de homem e embarcou clandestinamente, durante a noite. Era a única mulher a conviver por diversos anos com a tripulação. Custou-lhe tais transgressões uma depressão crescente, durante a viagem, que transparece na leitura do diário, publicado somente um século depois de escrito (Freycinet, 1927).

A influência dos contatos mantidos no Brasil, para o tipo de informação obtida pelo estrangeiro, bem como para o tipo

de vida social da mulher branca abastada, fica bem clara em seus escritos.

Durante nossa estada no Rio, não vimos famílias portuguesas. Luiz estava ocupado demais pela natureza de seus trabalhos e o pouco tempo de que dispunha foi dedicado a visitar nossos compatriotas. Fomos, contudo, diversas vezes à casa do Cônsul da Rússia, M. Landsdorf, cuja mulher toca muito bem: compareci a essas noites pois da falava francês e me procurou, mas eu me aborrecia um pouco. Não posso, pois, dizer nada sobre os costumes portugueses, pois nunca estive numa casa dessas famílias. Mas ouvi o suficiente para achar que não me agradariam. Seus hábitos pareciam-me estranhos e mesmo desagradáveis. A sujeira é geral e levada ao máximo pelos fidalgos: Contaram-me uns vinte casos sobre isso: contarei apenas um.

Uma nobre portuguesa acabara de contratar uma camareira francesa e esteve para despedi-la porque esta lhe ofereceu uma bacia para que lavasse as mãos. Encoltrizada, declarou que uma pessoa de sua condição nunca tem necessidade de lavar as mãos, pois não toca em nada sujo e que a prática de se lavar é boa para o povo e para os criados!

(...) / as portuguesas/ só podem sair para ir à igreja; mas lá vão frequentemente. Parece que a igreja se presta a lhes dar muitas ocasiões de sair, pois há festas quase todos os dias, sobretudo à noite. (Freycinet, pp. 16-17)

Maria Graham era escritora e desenhista. Copiou a lápis, do natural, várias paisagens e cenas do Rio de Janeiro, que ilustram a tradução brasileira de seu diário. Este foi escrito com vistas a uma publicação e, em diversas passagens, a autora exprime o que acha que convém a uma mulher e a uma estrangeira escrever sobre o país visitado. Esforçou-se por ser imparcial e por dar um sentido histórico aos aspectos examinados (Graham, 1956).

A riqueza de informes e reflexões deste livro torna difícil destacar trechos mais representativos.

Vi a artilharia marchando para ali hoje quando estava na cidade, aonde fui para comprar alguns jornais; particularmente o *Diario da Assemblia*. Acho muito aborrecido que as senhoras não possam assistir às reuniões da Assemblia. Sei que não há qualquer prohibição formal, mas a coisa é considerada tão inadmissivel que não posso ir. Há uma galeria para os estranhos, pouco maior, em proporção à da Câmara dos Comuns na Inglaterra, e os debates são publicados. Os deputados falam das próprias bancadas; são um pouco mais cerimoniaes no vestuário do que os comuns na Inglaterra, mas não têm nenhum uniforme particular. O presidente muda mensalmente.

3/del'agosto — Tomei chá em casa da baronesa de Campos e lá encontrei uma grande reunião de familia que se realiza sempre aos domingos para tributar homenagem à velha senhora. O chá foi feito por uma das moças com o auxilio da irmã, tal como se daria na Inglaterra. Uma grande urna de prata, bulas de chá também de prata, jarras de leite e pratos de açucar, com elegante porcelana da China, estavam collocados numa grande mesa, em volta da qual se reuniam diversas moças. De lá mandavam servir o chá em torno de nossa roda, que estava sentada à distancia. Toda qualidade de pão, bolos, torradas com manteiga e rosas eram servidos com o chá. Em seguida, ofereceram-se doces de todas as espécies, após o que todo o mundo tomou um copo d'água.

Mme. Langlet Dufresnoy esteve no Brasil entre 1837 e 1852 (Langlet Dufresnoy, 1861) e foi a viajante conhecida que aqui aportou mais jovem, aos 17 anos. Seu livro é um desentolar continuo de desventuras e pouco foi possível verificar sobre a sua vida, além do que é revelado pelo texto que escreveu. A coragem com que enfrentou a vida ao lado do marido e como viúva-jovem, após a sua morte, transparece na admiração com que o cônsul de S. M. Luiz Filipe, o Conde de Castelnuu (também autor de conhecido livro de viagem) respondeu a seus apelos.

Bahia, 21 de Março de 1853  
Madame,

recbi a carta que V.S. me dirigiu em 3 de dezembro. Como o Senhor seu marido não morreu em minha Circunscrição Consular, não posso enviar um atestado de óbito, mas posso declarar que por ocasião de minha passagem por Diamantino, Mato Grosso, foi de conhecimento publico que a morte occorreu um pouco antes. Toda gente, nessa cidade distante admitiu a coragem que V. S. demonstrou em circunstâncias em que muitas mulheres se entregariam ao desespero. Só, sem recursos, V.S. desceu o Rio Arinos, ainda inexplorado por viajantes; V.S. o fez enfrentando o perigo de tribos selvagens, de um clima mortífero e animais ferozes. Quando mais tarde eu reencontrei V.S. no Pará, não podia acreditar que tivesse escapado de tantos perigos e suportado tantas fadigas. Se puder, aqui, servir a V.S. em alguma coisa, queira me informar e creia, Madame, em meus devorados sentimentos.

Ass. Cde. de Castelnuu  
Cônsul da França na Bahia

A Baronesa de Langsdorff (Langsdorff, 1954) é uma das representantes da nobreza entre as escritoras examinadas. Permaneceu no Brasil durante seis meses auxiliando o marido, ministro plenipotenciário do rei dos franceses junto à Corte Imperial do Brasil, para negociar o casamento do príncipe de Joinville com a princesa D. Francisca, irmã de Pedro II.

Tão preciso e objetivo foi o seu manuscrito, que acabou sendo publicado pela contribuição apresentada sobre a vida a bordo, nos últimos tempos da navegação à vela. O interesse do Diário é, contudo, mais amplo: as relações interpessoais são examinadas, descritas e interpretadas com mais penetração do que o habitual, na literatura de viagem. O estrito convívio que manteve com a Corte brasileira não a fez escrever um livro limitado à aparência exterior do que viu. Através de diálogos prolongados e reflexões

abrangentes, conseguiu transmitir uma série de relações e sentimentos entre os aspectos descritos da estrada brasileira.

Uma coisa que me encanta aqui é a naturalidade que faz com que quando se está entre pessoas que se conhecem, fale-se ou fique-se em silêncio, à vontade; chega-se e vai-se sem preocupação com o tempo que se ficou, conforme um lugar agrade ou não. No meio de um silêncio geral, causado pelo murmúrio da cascata, fiquei ao lado da Sra. Macedo. Com inteira confiança, ela me falou de sua vida, de suas alegrias, tristezas e sentimentos. A beleza da paisagem, a limpidez da água e essa graça que acompanhava as mais maravilhosas belezas, tinham tocado o seu coração e despertado lembranças muito íntimas; achando-se a meu lado, disse-me sem temor, o que pensava e sentia. Estrava certa de contar com a minha simpatia naquele momento. A beleza da paisagem torna as pessoas dadas e afastas, aqueles que a sentem, toda disposição à crítica. Ficamos conversando onde nos tinham deixado. (...) Entre as lágrimas e o sorriso, ela começou a falar de sua situação, das tristezas de sua vivuza, com uma abundância de pormenores e uma franqueza que me tocaram, mas não sensibilizaram, pois esta facilidade de se emocionar deve-se mais à natureza, que à confiança que se lhe inspira. Certamente, em suas palavras havia mais pesar pela vivuza, que saudade do marido. Falava do Sr. Macedo com facilidade e elogiava com sinceridade suas boas qualidades; para que houvesse ainda um sentimento mais terno do que o demonstrado. Ao contrário, pelo tom com que me contou que o marido, ao morrer, dissera, olhando para ela: "minha pobre mulher, que será dela, que não pode viver só!", havia em todo o conteúdo uma confissão de fraqueza, muito tocante, e que eu não saberia explicar bem. Insensivelmente, o tema da vivuza que torna a casa singuio entre nós; nós o evitamos por algum tempo, depois o enunciámos, nem sei qual de nós e ao ouvi-lo, ou ao pronunciar-lo, ela tornou a chorar; depois, falou até de vivuvas que se casam com pessoas mais jovens. Gostei da grande sinceridade, da piedade verdadeira, suficientemente forte para consolá-la se o que desejasse fosse apenas

consolação, mas sentia-se muito jovem para ser só consolada e preferia que a distraíssem e divertissem. Apesar de penalizada, fiquei convencida de que ela seria mais feliz se continuasse vivua, durante alguns anos. Estou convencida de que, por sua natureza, tem mais necessidade de agrado, do que de ser amada. No fundo, seus amigos são mais que isso e, embora fale muito da desesperança que lhe causa o sentimento de não ser o objeto da principal afeição de pessoa alguma, creio que ficará um pouco desajustada se for transportada, mesmo como objeto da mais tenra afeição, para a pequena casa isolada de Tipica. (Langsdorff, p. 71)

Uma viajante profissional, que se empenhou, depois de vivua e com filhos crescidos, em conhecer o mundo foi Ida Reyner Pfeiffer (Pfeiffer, 1858). Em vez de aspirar ao repouso e ao recolhimento, após cumprir suas atribuições femininas, dispôs-se a realizar seus pendores juvenis de viajar e aprender. Teve a temeridade consciente de viajar só, sem a proteção de membros masculinos da família, não podendo dispensar, contudo, a mediação de parentes, amigos, autoridades diplomáticas ou subalternos encarregados de sua proteção.

Observe-se que sua ruptura da expectativa social, quanto ao papel da vivua madura (tinha 51 anos quando veio ao Brasil), rendeu-lhe restrições desaprovadoras de contrâncos e de letrados brasileiros, que ela menciona em carta:

É engraçado pensar em todos os que imaginam que devo ser muito masculina. Como me julgam mal! Você, que me conhece, sabe que os que esperam me ver com seis pés de altura, manciças grossicatas e pistola à cinta, descobrião em mim uma mulher tão tranquila e discreta quanto a maior parte das que jamais puseram o pé fora de sua aldeia! (Pfeiffer, pp. V e VI)

Mesmo assim aceita a distinção psicológica e intelectual entre os sexos quando, ao analisar a diferença de inteligência e edu-



cação entre brancos e negros e o perigo representado pela superioridade numérica da população de cor, no Rio de Janeiro, declara: "a mulher não tem suficiente capacidade para julgar estas questões: não estão a seu alcance" (p. 30).

Ainda assim delas tratou sob alguns aspectos:

Somente depois de algumas semanas é que me acostumei um pouco a ver negros e mulatos; achei, mesmo, entre as jovens negras, algumas belas fisionomias e, entre as brasileiras e portuguesas de cor acentuada, rostos com muita expressão; o dom da beleza parece mais raro entre os homens (...).

No Brasil, todos os trabalhos sujos e penosos da casa e de fora são feitos por negros, que representam em geral aqui a camada inferior. Contudo, muitos aprendem ofícios e numerosos se destacam a ponto de poder ser comparados aos mais hábeis europeus. Vi nas oficinas mais distintas negros ocupados em confeccionar roupas, sapatos, tapeçarias, bordados em ouro e prata; e mais de uma negra bem vestida, trabalhando nos trajes mais elegantes e nos bordados mais delicados. Achava que estava sonhando, muitas vezes, ao ver essas pobres criaturas, que eu imaginava serem selvagens livres e vivendo em suas florestas natias, ocupadas em lojas e oficinas que exigem tanto esmero. E, contudo, isso não lhes parece ser tão penoso quanto se poderia crer: elas trabalham alegremente e com prazer.

Nas classes a que chamamos de esclarecidas, existem os que, depois de tantas provas de capacidade e inteligência dadas pelos negros, colocam-nos tanto abaixo dos brancos a ponto de considerá-los próximos a uma transição entre o macaco e o homem. Admito voluntariamente que, quanto à instrução, não se aproximam dos brancos; somente acho que não se deve procurar a causa em falta de inteligência, mas na total falta de educação. Não há escola para eles; não recebem instrução; numa palavra, nada é feito para desenvolver suas faculdades intelectuais. São mantidos numa espécie de infância, segundo o velho hábito dos estados despóticos, pois o despertar desse povo otimizado poderia ser terrível.

Adèle Toussaint-Samson (Toussaint-Samson, 1883), escritora, veio ao Brasil com o marido e o filho para fazer fortuna, de 1850 a 1862. Não se tem notícia se a fez ou não, apenas que retornou à França 12 anos depois, com saudades do Brasil e desejos de revê-lo. Escreveu romances, poesias e fez traduções de romances brasileiros. Este livro sobre o Brasil apareceu antes publicado pelo *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro.

Apesar de uma divisão cronológica e por assunto dos capítulos, muito semelhante a inúmeros outros livros de viagem, existe neste uma penetração maior nos problemas do cotidiano feminino, desde a vida social a bordo do navio, até a volta ao país de origem.

(Na festa da passagem do Equador) eu ajeitava meu filho mais velho, como já tive ocasião de dizer, e as mulheres respeitaram em mim a mãe e a nutriz. Penhorou-me esta delicadeza que não esperava delas, e mais penhorada fiquei ainda, quando, à noite, o mestre de equipagem, que havia composto para o divertimento algumas cópias em que cada passageiro recebia sua indífera, disse a respeito de mim, em versos de que não me recordo: Silêncio! é uma mãe que embala seu filho; passemos sem fazer ruído; deixemos dormir a criança no regaço materno. (Toussaint-Samson, p. 13)

(As negras minas) (...) trazem outro pedaço de fazenda riscada sobre as espáduas para se cobrir, quando têm frio, ou cingem com bre as cinturas quando vêm com um filho às costas. Muitos homens acham belas estas negras: quanto a mim, confesso, a sua carapinha lanuda, a testa baixa e deprimida, os olhos injetados de sangue, da enorme boca com lábios grossos e dentes separados, assim como o nariz achatado, todo este conjunto sempre me pareceu constituir um tipo muito feio. O que elas têm de pouco vulgar é o andar. Caminham de cabeça levantada, o busto pra frente, os braços em ângulo, sustentando o taboleiro de frutos sempre colocado sobre a cabeça. Têm pés e mãos pequenos, bonita estatura, andar desembaraçado e acompanhado de um movimento de quadris muito

provocante, ainda que acompanhado de certa altivez, como o da espanhola. (pp. 19-20).

Voltei nesse dia muito triste, mas nenhuma dificuldade tive em obter o perdão da jovem preta, porque o brasileiro nunca nega essa graça a um seu escravo, mormente quando é uma mulher que a pede e essa mulher é madrinha de um de seus filhos, sendo, como é no Brasil, o título de compradre e comadre quase um laço de parentesco. Tanto assim que partindo para a França, para ali me demorar um ano, o Sr. F... que nos acompanhava ao bota-fora perguntou-me o que podia fazer para servir a sua comadre: — Não dar mais pancadas nos seus escravos, respondi eu. Prometu-me, e durante um ano cumprir religiosamente a promessa. Quando voltei, porém, rogou-me instantaneamente que não lhe pedisse mais semelhante coisa, porque os escravos ficariam para sempre perdidos. (p. 47)

O moleque mais são e robusto da fazenda é, sem dúvida, o vaqueiro porque não se esquece jamais de si e ordenha as vacas por conta própria, longe das vistas do feitor.

Efritivamente, aconteceu por vezes que, havendo quatro vacas, o leite mal chegasse para as necessidades da casa, por se terem os negros aproveitado dele um pouco mais do que de costume, em razão do que era o vaqueiro castigado. Entretanto, quando se vê o alimento ministrado a estes pobres infelizes, dá pena de censurá-los por procurarem supri-lo por todos os meios ao seu alcance. As nove horas fez-se ouvir de novo a sineta: era para chamar os negros ao almoço; tive curiosidade de assistir à distribuição das rações.

Há sempre duas cozinheiras em uma fazenda, a dos brancos e a dos pretos, e do mesmo modo há duas cozinhas. Fui ao compartimento enlunçado que servia de cozinha aos pretos, e vi ali duas negras tendo diante de si dois caldeirões, um com feijões e o outro com angu (pasta de farinha de mandioca) (sic). Vinha cada escravo por sua vez com a sua cabaça na mão: a cozinheira deixava uma colherada de feijão, juntado-lhe um pedacinho de carne seca da mais baixa qualidade, assim como um pouco de farinha de mandioca; a outra distribuía o angu aos velhos e às crianças. Os

pobres escravos lá se iam com isso, murmurando baixinho que a carne estava podre ou que não era suficiente. Os nossos cães recusavam tal alimentação. Alguns molequinhos de três a quatro anos voltavam com a sua razão de feijão que os frígidos estômagos mal podiam digerir: por isso quase todos tinham grandes barrigas, cabeças enormes, pernas e braços delgados, todos os indícios enfim de traqu Coast. Causava-me dó vê-los e eu nunca pude compreender por que, mesmo como especulação, os negociantes de carne humana não tratavam mais cuidadosamente a sua mercadoria. Felizmente, asseguraram-me que o mesmo não se dava em toda a parte, que em muitas fazendas os escravos eram bem tratados. Quero crer que assim seja: quanto a mim, digo o que vi. (pp. 43-44)

Pouco se conseguiu saber sobre Virginie Leontine, solteira que acompanhou os pais ao Brasil, aonde vieram como comerciantes e onde ficaram durante um ano e meio, de 1857 a 1858 (B... Virginie Leontine, 1872). Verificou-se que não falava português. Os contatos mantidos no Rio de Janeiro, embora limitados aos representantes diplomáticos da França e a algumas famílias francesas e brasileiras, não impediram que as quatro longas cartas à família connivessem ricas informações sobre coisas e pessoas dos locais visitados.

As brasileiras mais ricas usam preto para ir à igreja. As mais velhas cobrem a cabeça com um véu de renda, como as andaluzas, e as mais jovens deixam admirar as ricas cabeleiras de ébano, suspensas com arte e encanto pois as mulheres, como os homens, ficam sem chapéu. Na primeira vez que entramos numa igreja, minha mãe e eu, ficamos de chapéu como é costume na França, mas quase imediatamente bateram em nossas costas e nos pediram, por gestos, que nos descobrissemos. Interessante é que o costume, ou o mesmo sentimento de respeito faça adotar aqui o que se rejeita acolá. Felizmente, a boa intenção se revela aos olhos de Deus.

A roupa de passeio das brasileiras segue a moda de verão francesa, aproximadamente, com um ano de atraso. Vendem-se aqui tecidos

de musselina e organdi, com os quais se confeccionam vestidos com babados, com desenhos de certo mau gosto. As senhoras vestem-nos até parecerem usados e aí os passam a suas negras. A cor predileta destas é o branco, pois destaca o dano da pele e suas belas formas. Quando põem braceletes de vidrilhos no pescoço e nos braços, com o vestido branco parecê-lhes que nada deixam a descair. (pp. 31-33)

A viúva belga Marie de Langendonck (Langendonck, 1862) veio ao Brasil em 1858, a fim de visitar alguns de seus filhos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, como colonos. Pouco se conseguiu saber a seu respeito. O texto indica contatos muito diferenciados. A Condessa do Barral e D. Pedro II, de um lado, e colonos e primitivos habitantes das terras que deviam ser colonizadas, de outro. Essa senhora madura manifesta uma atração pela floresta virgem que a fez arrostar muitos perigos para atingi-la, esquecendo a febre amarela, os esgotos a céu aberto e a falta de comunicações que observou durante a viagem.

(O Conde de Montrivel) procurou-me fazer abandonar o projeto de enfrentar as florestas virgens, palavras vãs. Desde que me lembro de mim, a expressão floresta virgem inspira a minha imaginação e me dá um intenso desejo de ver uma. O dia em que se realizaria esse sonho chegava enfim e poucas léguas me separavam desse objetivo a que eu aspirava há tanto tempo: os raciocínios mais lógicos foram, pois, inúteis; nada poderia abalar a minha resolução. (Langendonck, p. 13)

Foram tão doces, tão agradáveis os primeiros dias passados em família neste rancho, neste clima admirável, no coração de uma floresta imensa, onde mil vozes, mil ruídos desconhecidos tinham um estranho encanto, onde esta nova natureza parece transformar o homem e se compadecer das mesquinhas da civilização europeia, que as palavras não poderiam reproduzir tanta felicidade. (p. 41)

A sociedade pagava um médico para os colonos consultarem às

quartas-feiras durante duas horas, no rancho da administração. Os que a doença retinha em casa saíam por si mesmos ou morriam sem que ninguém se preocupasse.

A Sra. Maximiliano era a providência destes doentes. Essa mulher conhece os segredos da flora medicinal do bosque. Tinha remédios para todos os sofrimentos físicos, e fazia, de fato, curas espantosas. Vi uma que cada vez que eu conto só encontro incredulidade e, contudo, todos os colonos de Santa Maria da Solidão podem atestar a veracidade. (pp. 51-52)

(...) Essas curas são incríveis, impossíveis mesmo do ponto de vista da ciência. Contudo são verdadeiras, e não são os únicos fatos inexplicáveis sobre a Sra. Maximiliano. (p. 55)

E apesar de verificar que "insensivelmente todos os celbarários foram tentar a sorte em outros lugares, e só ficaram famílias carregadas de crianças, que não podiam deixar a colônia" (p. 86), termina o livro com votos em favor de uma colônia belga no sul do Brasil, próxima de um grande rio, persuadida de que poucas regiões do globo apresentavam vantagens tão grandes para os estrangeiros (p. 152).

A americana Elizabeth Cabot Cary (Agassiz, 1975), casada com o naturalista suíço-americano Louis Agassiz, cresceu entre intelectuais, casou-se em 1850 e veio para o Brasil com 43 anos. Escreveu o diário de viagem, que é assinado pelo casal, com informações fornecidas por Agassiz. Refere-se ao marido sempre como o chefe da expedição científica, deixando a primeira pessoa do plural para se referir aos demais membros da expedição.

Como diretora pioneira de um colégio superior para meninas, deixou páginas de grande interesse sobre a educação e a leitura das mulheres das diferentes camadas sociais no Brasil.

Pouca coisa tenho também a dizer sobre a escola para meninas. Em geral, no Brasil, pouco se cuida da educação das mulheres; o nível

de ensino dado nas escolas femininas é pouquíssimo elevado; mesmo nos pensionatos frequentados pelas filhas das classes abastadas, todos os professores se queixam de que lhes reitram as alunas justamente na idade em que a inteligência começa a se desenvolver. A maioria das meninas enviadas à escola aí entram com a idade de sete ou oito anos; aos treze ou quatorze são consideradas como tendo terminado os estudos. O casamento as espreita e não tarda a tomá-las. Há excepções, sem dúvida. Alguns pais mais esclarecidos prolongam a permanência no pensionato ou fazem dar instrução em casa até dezesete ou dezoito anos; outros mandam as filhas para o estrangeiro. Habitualmente, porém, salvo uma ou duas matérias bem estudadas, francês e música, a educação das jovens é pouco cuidada e o tom geral da sociedade disso se ressentem. (Agassiz, p. 227)

(...) o mundo dos livros lhes está fechado, pois é reduzido o número de obras portuguezas que lhes permittem ler, e menor ainda o das obras a seu alcance escritas em outras linguas. Pouca coisa sabem da história de seu próprio país, quase nada da de outras nações e nem parecem suspeitar que possa haver outro credo religioso além daquele que domina no Brasil. (p. 278)

Uma palavra sobre essas conferências: dando crédito ao que dizem os próprios brasileiros, elas constituem para eles uma novidade desconhecida e, até certo ponto, uma revolução nos seus hábitos. Se algum trabalho científico ou literário se apresenta ao público do Rio, é em condições especiais e diante de um auditório de elite, na presença do Imperador, que o autor faz solenemente sua leitura. O ensino popular, que consiste em admitir livremente todos quantos queiram escutar e aprender, tem sido até aqui coisa desconhecida. A idéa foi suggerida pelo Dr. Pacheco, director do Colégio Pedro II, homem de uma cultura de espirito verdadeiramente liberal e de grande intelligência, a quem a instrução pública no Rio deve mais de um progresso. Encontrou apoio junto ao Imperador; sempre bem disposto pelo que possa estimular o gosto de seu povo pelo estudo. A seu convite, Agassiz realizou em francês uma série de lições familiares sobre diversos assuntos científicos, julgou-se muito feliz em poder assim introduzir neste país um

meio de educação popular cuja influencia creí ter sido para nós, americanos, das mais salutares. A principio, a presença de senhoras foi julgada impossível, como inovação demasiada nos hábitos nacionais; mas esse preconceito foi logo vencido e as portas se abriram para todos, à verdadeira moda da Nova Inglaterra (p. 75)

A cooperação entre Elizabeth e Agassiz foi muito mais estreita e igualitária que a revelada pela inglesa Isabel Arundel Burton (Burton, 1893). Outro o caráter do livro e diferente a composição do casal. Trata-se igualmente de um diário, mas no primeiro caso é um diário de uma expedição científica, em que o casal participa assumindo papéis diferentes. No segundo, a autora extraiu do diário a biografia de Sir Richard F. Burton, já morto, com quem tinha estado casada 30 anos. Transparece aqui uma situação de submissão admirada à autoridade e às idéas do marido. Isabel Burton veio ao Brasil em missão diplomática, aos 34 anos, e traduziu em colaboração com ele *Itazema* de Alencar e o poema *Uraguai* de Basílio da Gama.

O livro de Isabel Burton é rico em elementos sobre a educação de crianças inglesas, no século XIX, indutora de controle, responsabilidade e violência. Tem também interesse a descrição do namoro e do casamento de Isabel e Richard, dificultado pela diferença de religião das duas famílias. As descrições da vida no Rio e em São Paulo, além das referências ao corpo diplomático e à colônia inglesa instalada no Brasil, contém aspectos curiosos do relacionamento dos estrangeiros com brasileiros, escravos e livres.

Se Richard comprava uma roupa nova, (o moleque) levava-a imediatamente ao alfaiate para copiá-la, em tamanho menor, principalmente a roupa de noite. Para ir a um baile ficava a cópia exata do senhor — camisa branca, gravata branca, terno, capa e tudo. Costumávamos fazê-lo vir e se apresentar quando se vestia, para nos divertir. Mas ao contrário do senhor, apontava-se numa

mesa com espelho, perfumes e essências e seu travesseiro era todo debruado com rendas. Cada uma das melhores famílias tinha um desses negros inteligentes; costumavam ter ceias, quando se erguiam e faziam discursos, exatamente como nós. O do Sr. Aubertin costumava falar sobre os dividendos da ferrovia, sobre o valor do algodão e a produção de café; outro, que pertencia a um reverendo, costumava se levantar e falar sobre o "estado abençoado das almas dos homens negros e seus irmãos"; como ouvia Richard fazer em suas conferências, nosso Chico declamava sobre "o lugar do Negro na Natureza" e falava sobre a evolução a partir do macaco original (Darwinismo) e como poderiam finalmente os negros esperar atingir a situação do homem branco. (Burton, p. 430)

Encontramos uma pessoa muito curiosa em São Paulo. Foi a Marquesa de Santos. No tempo do pai do atual imperador, ela era uma beldade e a favorita real e levou uma vida muito animada e tempestuosa. Foi finalmente banida pela Imperatriz para Santos (segundo dizem) com uma pensão vitalícia e viveu numa casinha a alguns passos da nossa. Eu a via sempre. Era uma grande dama, muito simpática, muito interessante, cheia de histórias sobre o Rio e a Corte, a família imperial e os acontecimentos daquele tempo. Foi obrigada a adotar hábitos mais provincianos, e a última vez em que a vi recebu-me na intimidade de sua cozinha, onde sentava no chão, fumando, não um cigarro, mas um cachimbo. Tinha olhos negros e bonitos, cheios de simpatia, inteligência e sabedoria. Era do maior interesse para mim, naquele lugar distante. (pp. 432-433)

Pouco se conseguiu descobrir sobre a espanhola Carmen Oliver de Gelabert. (Gelabert, 1872) Escreve no Brasil durante um mês de 1870, para visitar um filho, colocado num colégio interno para meninos, em Petrópolis. O livro tem a forma de uma longa carta à filha, que ficara na Espanha. Conta como é o Colégio Kopke, onde está o filho, como se vestem as mulheres espanholas e as outras, em Petrópolis, e também fala sobre compras, bailes,

alimentos, entremendo descrições com os casos testemunhados. A certa altura faz uma série de reflexões sobre o sentido da vida da mulher, em comparação com a do homem, que retoma em outros capítulos:

Pois é, minha filha, o que seu irmão diz é da maior importância: as boas obras têm de ser iniciadas na infância, adquirindo conhecimentos tão necessários aos homens que precisam representar um papel mais tarde, na sociedade. Enquanto isso, que fazemos nós? Nada, comemos e dormimos para passar a vida, sem ter o trabalho de ilustrá-la. De que serve a vida da mulher? A dos homens tem, naturalmente, um objetivo elevado: construir fundações de seu castelo, que muito cuidam para que seja sólido.

Ah! como é triste ser mulher e não pouca espera do mundo, sua única esperança é ser mãe de um varão e, às vezes, isso lhe custa a vida. Como são poucos os apoios à debilidade! (Gelabert, pp. 41-42)

(...) mas como eu, filha do povo, estou desprovida do conhecimento necessário para dar estilo a esta narração, para ser eloqüente e ao mesmo tempo não carecer da naturalidade resultante da prática, a verdade é que precisaria de tudo isto, nesta ocasião, em que meu desejo é alongar-me, como disse, numa bela linguagem, que estivesse de acordo com o assunto, de maneira que destes esforços saíssem escritos dignos de ser lidos por sábios; mas sinto muito desfazer a poesia oferecendo uma literatura a que falta tanto, por ignorância. Oh! nunca me aborrecu tanto quanto agora, o pensar de ser mulher, porque penso que sendo homem, naturalmente instruído e cheio de méritos adquiridos por grandes estudos, nesta idade, conhecendo as ciências e principalmente a cosmografia, talvez pudesse me explicar de acordo com os meus desejos e agora não me sentiria tolhida, quando desejo explicar-me. (p. 8)

Já a inglesa Annie Brassey (Brassey, 1978) não sofreu dessas imibições e publicou inicialmente seu diário de viagem no *Times* de Londres. O êxito obtido fez com que fosse editado como

livro em Londres e Nova York e chegasse a 19 edições, com traduções para diversas linguas. Seus cinco filhos não a impediram de exercer atividades sociais e colaborar na carreira parlamentar do marido. Lady Brassey viajou muito e sempre escreveu aos amigos relatos das viagens, publicando os primeiros livros com circulação limitada. Além de exposições das coleções de curiosidades naturais e etnológicas reunidas durante as viagens, fazia conferências sobre elas. A última viagem, para a Índia, Bornéu e Austrália, foi feita por motivos de saúde. Morreu em viagem e foi sepultada no mar, em 1887.

Em contraste com a viajante espanhola, Annie Brassey era nobre, ligada aos meios governamentais ingleses, com recursos intelectuais e sociais para exercer um papel profissional. Chegou a ser incluída no *Dictionary of National Biography*, da Oxford University Press.

1876, 2ª feira, agosto 28.

Ficamos tão interessados pelos anúncios de aluguel e venda de escravos dos jornais que pedimos a um senhor brasileiro para nos deixar ver como eram feitas essas transações. A Legação Britânica não permite que ingleses tenham escravos aqui e procura fazer com que essa norma seja rigorosamente cumprida. Os segredos desse comércio são zelosamente guardados, por sua vez, pelos nativos, principalmente dos ingleses. Por isso, os homens tiveram de se disfarçar o quanto puderam, um imitando um americano rico que comprava terras entre Santos e São Paulo, que pretendia explorar com escravos em vez de trabalho com *coolies*. Supunha-se que viera ao Rio escolher escravos, mas precisava ver e consultar seu sócio antes de resolver a compra. Foram levados para uma loja na cidade e, depois de alguma espera, foram levados para cima onde esperaram um quarto de hora. Trouxeram então para ser examinados vinte e dois homens e onze mulheres e crianças. Declararam-se capazes de fazer uma série de coisas, dentro e fora

da casa, e todos pareciam olhar com muito temor o possível comprador, para adivinhar o que poderiam esperar do futuro. Principalmente um casal, irmã e irmão, de quatorze e quinze anos respectivamente, estavam muito aflitos para ser vendidos juntos e não serem separados; e as crianças pequenas pareciam atemorizadas, quando os brancos falavam ou mexiam com elas. A visita terminou depois da seleção de oito homens e cinco mulheres, para depois resolver.

Os jornais brasileiros estão cheios de anúncios de venda de escravos, e descrições de homens, porcos, crianças, vacas, pianos, mulheres, casas etc. de que se quer dispor. Estão indiscriminadamente inseridas na página:

Vende-se uma escrava, de 22 anos, boa figura, lava, engoma e cose bem; informa-se na rua S. Pedro, nº 97.

Vende-se ou aluga-se um rico piano forte do autor Erard, de 3 cordas, por 280\$, garantido; na rua da Quitanda, nº 42 2ª andar.

Vende-se por 1.500\$ um escravo de 20 anos, para serviço de padaria; na rua da Princesa dos Cajueiros, nº 97.

Vende-se uma máquina Singer, para qualquer costura, trabalha perfeitamente, por preço muito cómodo; trata-se na rua do Sabão nº 95.

Vende-se uma preta moça, boa figura e de muito boa índole, com três filhos, sendo uma negrinha de 6 anos, um moleque de cinco e uma ingênuca de três, sabendo cozinhar bem, lavar e engomar; na mesma casa vende-se só uma negrinha de 12 anos de condição afiançada e muito própria para serviço de casa de família, por já ter bons princípios, tendo vindo de Santa Catarina; na rua da Uruguaiana nº 90, sobrado.

Vende-se o Dicionário Português de Lacerda, em dois grandes volumes, novo, vindo pelo último paquete, por 30\$. Custam aqui 40\$, na rua do Hospício nº 15 2ª andar.

Vende-se uma preta de meia idade, que cozinha, lava e engoma com perfeição; para tratar na rua do Visconde de Itana nº 12. Vendem-se arreios para carrocinhas de pão, na rua General Câmara nº 86, placa.

Vendem-se 20 moleques, de 14 a 20 anos, vindos do Maranhão no último vapor, na rua da Prainha n.º 72.

Sua leitora, a professora alemã Ulla van Eck (Binzer, 1887), filha de um administrador florestal, fez a viagem ao Brasil e escreveu suas cartas dentro de uma situação inercialmente diferente, sob o pseudônimo de Ina von Binzer. Veio só e solteira, aos 22 anos, e foi morar isolada de conterrâneos e amigos, em fazendas do interior de São Paulo e do Rio de Janeiro.

A família que tinha doze filhos, sete dos quais ficaram sob a orientação pedagógica da governanta, é a família Prado, que conservou um retrato da jovem e pode ser identificada pelo nome dado à 2.ª edição brasileira do livro: *Os Meus Romanos* (Paz e Terra, 1980). Em 1956, quando Paulo Duarte fez a primeira edição de seu livro em português pela editora Anhembi, considerou-a "uma escritora sensível, observadora fiel, sofrendo as injunções do país estranho e condições de vida e higiene precárias". Mas, para Yan de Almeida Prado, foi uma "alemã soberba, contraditória, presunçosa e tirânica". Considera que fez juízos precipitados, que era "inimiga do Brasil com defeitos do sexo e da idade, e forçou a verdade a bem do pitoresco". Observe-se que na pesquisa realizada por Antônio Callado no *Dicionário de Pistas e Prosadoras* de Franz Brühmer encontrou o livro classificado como "romance humorístico em cartas".

Não se esgotam nas avaliações encontradas as leituras possíveis do texto. No caso de Ina von Binzer, as duas edições brasileiras (1956 e 1980) proporcionaram o acesso a essas avaliações, que foram procuradas para todos os viajantes levantados. Elas permitem nuanciar os registros, através de condições sociais e culturais do autor do registro. Além de uma valorização subjetiva do leitor, este acaba enriquecendo sua leitura com novos dados resultantes

de sua apreensão do texto, como ocorre também em nossa leitura intertextual das obras das viajantes mulheres. Dessa forma, a pesquisa biobibliográfica que foi feita, com o crivo crítico da documentação existente nos livros de viagem, revelou modalidades diferenciadas e limitações desses textos, inclusive relativos à forma e às traduções.

Os trechos de Ina von Binzer, embora não sejam dos mais específicos (referentes à família, à educação, à escravidão), foram escolhidos por identificarem a situação de estrangeiro, de viajante e os estereótipos sobre os alemães comuns entre brasileiros, no final do século XIX.

São Francisco, 5 de outubro de 1881

Minha querida Gretel:

Parce que a Providência atendeu ao desejo que lhe manifestei, na última carta.

Um ser alemão chegou aqui. É o mais extravagante que se possa imaginar e tornou-se o divertimento da casa inteira, mas, preciso confessar, o meu também.

É um senhor de meia-idade, naturalista, que veio recomendado por um colega italiano ao Dr. Romeiro, tendo-lhe oferecido a casa, durante a sua permanência nesta região do Brasil.

Nosso bom conterrâneo, cujo francês é inteiramente falho, procura em vão adaptar seu latim de sotaque alemão ao português, mas se não me encontrasse para interpretar, estaria completamente perdido. (Binzer, p. 47)

Rio, 12 de fevereiro de 1882

Queridíssima Gretel!

Já estou precisando escrever novamente pois imagine só: desde anteontem estou contratada para um colégio daqui.

Um colégio é um liceu de moças, com pensionato; tenho que lecionar quatro classes, iniciando as filhas deste país nos segredos das línguas alemã e inglesa. Além disso darei inúmeras aulas de piano.

Ach! Grete! Ambas as línguas vão se transformar num livro fechado a sete chaves para minhas alunas pois é estranho como aprendem pouco comigo, especialmente o alemão. Não pude descobrir ainda se é culpa minha ou delas. Talvez isso se explique pela diferença das raças germânica e romana, pois o francês aprendem até dormindo e as francesas obtêm resultados muito melhores do que eu, em suas classes.

Várias vezes tive a tentação de ressuscitar o Bormann, porém, depois, deixei-o definitivamente onde está, porque sei que nele encontraria inúmeras censuras a mim.

Como há poucas salas de aula disponíveis, dou muitas lições, em geral com outra professora, no mesmo cômodo: enquanto, de um lado, declamam poesias portuguesas, tento do outro lado explicar às minhas "donas" desatentas as complicadas declinações da língua alemã. Os três artigos com suas quatro declinações, nas suas 12 partes obscuras (não se contando o plural) parecem tão rebarbativas a esse bando de empalmadas à minha frente, que com certeza elas os consideram uma astuciosa e traiçoeira armadilha preparada contra os estudantes.

Outro dia, quando corrigi uma menina de olhos escuros — "Der Schirm steht hinter der Tür" — ela arrou o livro sobre a mesa e com lágrimas de revolta gritou irriadíssima — "Was! Sonst war so immer die Tür?"

Grete, fiquei completamente constritada e sem saber o que fazer, no primeiro momento. E essas cenas se repetem muitas vezes. As melhores famílias não mandam absolutamente as filhas para colégios e devido a isso esta sociedade é, em geral, a menos educada ou a mais selvagem que se pode encontrar: exaltam-se, gritam e chegam não raras vezes a ficar com o rosto enrubescido como cerejas.

Nessas ocasiões, nossa francesa mais moça, Mlle. Serôt, prende-as dentro de um armário vazio até que se acalmem. Raramente vemos a diretora fora das horas de refeição. Ela é a única que possui autoridade sobre este bando selvagem, talvez por aparecer muito pouco. Está sempre bem vestida, no seu gabinete, onde recebe os pais das alunas e dá apenas uma aula de leitura em cada classe.

Não gosta de ser consultada sobre os trabalhos escolares, e a mim, não me resta outro recurso senão o de arranjá-las sozinhas, como Mlle. Serôt.

Até agora não pude descobrir um programa de estudos e muito menos um horário; por enquanto, tudo me causa a impressão de caos num deserto.

Com a melhor boa vontade não cheguei ainda a calcular o número das minhas alunas de música.

Quando me sento ao piano pela manhã, às 6 1/2, elas começam a aparecer de meia em meia hora, até as dez horas, como se fossem expelidas por um relógio automático.

Agora, tenho tomado nota de uma em uma, e à força de muito trabalho e astúcia esperei estabelecer um cálculo exato.

Entretanto gostam muito de mim, talvez porque me visto bem, como me disse Mlle. Serôt (como se ganha o coração das crianças!) e não me pareço com as outras alemãs.

(...)

Alas, aqui, o desprezo pelas confissões alemãs é geral. Em relação a esse particular, o que me aconteceu de mais típico passou-se outro dia, num salão de cabeleireiro, onde entrei para mandar ondular meu cabelo corado curto.

Não sabia que, já por mim, chamava a atenção, pois nenhuma senhora brasileira sai sozinha à rua, nem de maneira alguma vai pentear-se fora de casa.

O moço ondulador tomou-me primeiro por uma francesa, porque falei com ele em francês; depois, perguntou-me se era russa e por fim, tendo passado todas as nações, acabou interpelando-me, para meu divertimento e indignação, ao mesmo tempo: — "Mas enfin, vous n'êtes pas Allemande?". (p. 65)

São Francisco, 20 de junho de 1881

Querida Grete,

(...)

No princípio, a falta de baratas e de pão durante as refeições parecia-me insuperável, pois com elas poderia remediar os inconvenientes da gordura. Mas, no campo, o pão é substituído



pelos chamados "biscoitos", espécie de "pâtisserie" de farinha de raiz de mandioca de muito bom paladar quando apenas saídos do forno, mas que não deixam nada a desejar como resistência, passadas algumas horas, podendo concorrer em solidez depois de 2 dias, com pedras novas.

Nestas benditas paragens nossas boas baratas não dão senão como baratas doces, que chegam a pesar 9 libras e são simplesmente cozidas, ou preparadas com açúcar para sobremesa.

Nos primeiros dias, essas coisas grandes e azuladas, lembrando na cor e no gosto suas irmãs geladas do inverno nórdico, me enojaram: mas agora confesso envergonhada que gosto dessa composita.

Já fiz boa camaradagem com o feijão preto e com seu inseparável bolo de fubá sem sal, o angu; já ando namorando a farinha de milho e a de mandioca que vêm à mesa em cestas de pão e que os brasileiros misturam com feijões cheios de caldo; não demonstrando em apaixonar-me pela carne de carneiro seca pelo sol, com a qual nos regalam freqüentemente ao almoço. Não me despreza, Crete, pois não há outras coisas aqui.

Se acrescentar às iguarias acima referidas arroz cozido n'água e cor de tijolo de tanto tomate terá à mesa o "menu" do ano inteiro. Uma coisa importante aqui, é a sobremesa — os doces — em cuja preparação os brasileiros têm fama de mestres, como também na sua consumição, o que se patenteou ontem plenamente para mim: senhores e senhoras absorveram quantidades incriveis de frutas em compotas, balas de chocolate e de ovos, comendo-os junto com grandes pedaços de queijo. Preciso confessar — eu também! No primeiro dia, quando ao meu paladar europeu ofereceram esse petisco, recusei indignada e pedi um pouco de pão com manteiga para acompanhar o queijo.

Apareceram biscoitos no estado número dois e uma manteiga dinamurgica em lata, mole, amarela, salgada: — nem é bom falar — então decidi-me corajosamente pela combinação usada no país: no que fiz bem.

A norte-americana Marguerite Dickens (Dickins, 1893), casada com um oficial da Marinha dos Estados Unidos, percor-

reu várias vezes as costas da América do Sul, durante dois anos e meio — de 1886 a 1888. Apesar de as cartas, antes publicadas na imprensa, terem sido transformadas num livro de viagem belamente ilustrado e encadernado, mal se conhece a autora.

Não foi longa a sua permanência no Rio de Janeiro, mas deixou diversos registros de interesse, sobre o cotidiano da população.

Em vez de carrinhos de fornecimento de leite, as vacas são conduzidas pelas ruas, cada vaca com o bezerro amarrado ao rabo e com um sino no pescoço. Este anuncia a aproximação e traz os criados para as portas e portões com panelas e jarras e um francesinho que moitava petto de nós sempre vinha ver sua vaca dava bom dia a ela. Chinelas muito estreitas e quase da metade do tamanho do pé substituem os sapatos nas classes médias e baixas. Não há contraforte e consequentemente a cada passo o salto da chinelas bate na calçada, e este barulho, embora leve, é tão continuo que o ouvido o fixa e logo se torna um dos sons mais habituais que se ouvem. (Dickins, p. 44)

As coisas estão gradativamente mudando para melhor, no que se refere ao tratamento das mulheres: estão se casando um pouco mais velhas e, assim, têm a oportunidade de ter uma educação de todos os ramos, e estão mais capazes de ser companheiras de seus maridos. É-lhes concedida maior liberdade, e consequentemente comportam-se melhor: sua liberdade vem lentamente, mas vem chegando com segurança. Parecem inteligentes e muito desejosas de aprender as habilidades que lhes são ensinadas. Têm corpos bonitos e muitas são lindas de se ver nas sacadas e nos jardins. Os homens são pequenos e morenos — às vezes muito escuros, pois parece não haver obliquação no sangue negro, entre brasileiros. Contaram-me que um dos ministros é dois terços negro. O desprezo por esse sangue parece maior nos Estados Unidos que em qualquer outro lugar. (p. 57)

Faz calor sempre, por isso os pobres se vestem com algodão ralo e parecem apreciar a vida e ser alegres, mas acho que é porque

somente os mais capazes sobrevivem, pois segundo me disseram o índice de mortalidade infantil fica entre 70 e 80%, mas desde que se chegou aos trinta anos, tem-se geralmente uma longa vida. (p. 46)

Fala-se de uma epidemia de varíola, todos os dias os jornais trazem uma lista de falecimentos e alguns funerais passaram pelo hotel, mas eram principalmente de crianças que nunca tinham sido vacinadas, ou pessoas que estavam sujeitas a contágio nos cortiços. Nunca vimos uma pessoa que tivesse tido recentemente varíola. Em resumo, as pessoas estão mais temerosas que atiradas. Os funerais eram diferentes, desde os de recém-nascidos num caixão vermelho, desgarnecido, até um caixão de veludo roxo com frisos dourados, coberto de flores e seguido por uma longa fila de cartuagens, encabeçada por um coche que pertenceu à família imperial e enviado como um tributo silencioso ao corpo do súdito fiel do Imperador. Os caixões de madeira são compridos, estreitos e rasos, tendo pregada por cima fazenda vermelha, no caso das crianças, e roxa para as outras pessoas. A tampa é cuncoforme e sobre ela o pano é esticado e pregado, criando um caixão delicado e estranho. Nos casos de maior pompa todas as bordas são debruadas com rendilhado dourado.

A ideia de uma coroa funerária parece fazê-la a maior possível, com longos laços de fita pendentes. São frequentemente feitas de flores artificiais ou de penas apesar da abundância de flores naturais aqui existentes. Os carros fúnebres são deslumbrantes, principalmente os de crianças, que são pintados de escarlate, enquanto os dos adultos são pretos e brilhantes, com tufo de plumas negras no alto e na cabeça dos cavalos. Somente homens seguem o corpo, em cartuagens, a não ser no caso de crianças pequenas, quando os acompanhados acompanham carregando ramos de flores naturais. Um grande número de mortos por moléstias contagiosas tornou temerária uma visita aos cemitérios, por isso, nunca vi um enterro. (pp. 57-58)

A jornalista do *New York World* e do *Illustrated Sanford*, do Sul dos Estados Unidos, uma viúva de 23 anos com dois filhos,

vaiou 80.000 léguas pelo Brasil para escrever o seu livro (Wright, 1901). Este destaca-se dos demais pelo esmero gráfico, a qualidade do papel e a valiosa documentação fotográfica. Pelas dedicatórias do livro, da 1ª edição, ao presidente da República Campos Salles, e o da 2ª edição, ao presidente Afonso Pena, é possível inferir que a viagem e a edição tenham contado com verbas oficiais brasileiras, por ocasião do quarto centenário do Descobrimento do Brasil. Na Introdução, a Aurora se propõe a "enquanto dá atenção ao desenvolvimento político e social e às belezas naturais do país, importantes para um conhecimento geral (...) dar uma descrição fiel dos ramos comerciais e industriais do Brasil" (p. 14) e num tom enfático declara:

No início do século XX os olhos estão se voltando para a América do Sul, como se voltaram para o vizinho do Norte no início do século que terminou, e existem todas as razões para acreditar que o crescimento e o progresso fenomenal que marcou a história dos Estados Unidos da América, durante o século XIX, será repetido neste pela nova república irmã e amiga — o Novo Brasil. (p. 14)

Tanto Marie Robinson Wright quanto sua conterrânea Alice R. Humphrey (Humphrey, 1900) encerram, cronologicamente, esta série de viajantes estrangeiras que visitaram o Brasil no século XIX e escreveram sobre ele. Se bem que a data das edições chegue ao século XX, a pesquisa estabeleceu que se tomaria a data da chegada ao Rio de Janeiro como o momento histórico examinado, não só porque a edição do livro inúmeras vezes foi muito posterior, como porque se considerou que as primeiras impressões constituíram elemento essencial nas reflexões e percepções sociais dos estrangeiros, diante do cotidiano brasileiro.

Enquanto Wright articulou em quase 500 páginas o material coligido, de maneira profissional, Humphrey fez um

livrinho curioso, descrevendo para o público feminino uma viagem de passeio, feita por prazer, durante as férias de verão da professora americana. Mas as duas se detêm no sistema americano de escolas, que penetrava no Brasil no final do Império, e é considerado como indutor do progresso republicano.

Não se conseguiu quase dado algum sobre Humphrey, enquanto sobre Wright, na 2ª edição de 1907, revista e aumentada, de *The New Brazil*, consta uma apreciação de José Veríssimo:

Com todas as qualidades viris, que mesmo em tantos homens falam para o combate da vida, nada tem de mulher-homem, de *spinster* inglesa, desastrosa, descurada da *toilette* e de modos, gestos e tons mais masculinos que femininos. Mrs. Wright não desertou do seu sexo. Não é uma *bona blera*, nem uma preciosa; é uma senhora franca, alegre, natural, espirituosa e que, apesar da sua larga experiência do mundo e da vida, conserva aquela ingenuidade que é talvez o dom mais singular de sua raça.

Observem-se as apreciações de outras viajantes, no decorrer do século, e será possível perceber que sempre houve mulheres destemidas e capazes de arrostar perigos e padrões culturais arraigados, a respeito dos papéis diferentes dos dois sexos. Assim como, apesar das alterações gradativas desses padrões culturais, até o começo do século XX, continua a expectativa de que *todas* as mulheres tenham traços socialmente considerados como femininos, que não incluem viagens, auto-exposições em livros, nem sede de conhecimento.

Todo o sistema educacional no Brasil sofreu uma transformação desde o estabelecimento da forma republicana de governo. Os métodos do regime monárquico foram postos de lado em favor de planos mais consistentes com as idéias e princípios republicanos e, como resultado, as escolas e colégios estão dando prova mais substancial que nunca de sua utilidade e influência na vida e

progresso da nação. O atual sistema escolar no Brasil fornece curso primário, secundário superior e cursos especiais de educação; nomeou-se um Diretório de Instrução Pública em cada município para cuidar dessa parte das questões administrativas. As escolas primárias estão aumentando em número e importância a cada ano, e o recenseamento mostra um aumento seguro e constante da média anual de frequência. Nas escolas femininas ensinam exclusivamente mulheres ou professoras, embora não haja distinção a esse respeito, nas escolas masculinas. No primeiro grau das classes primárias os estudos incluem, além de assuntos universais para crianças, instrução moral e cívica, ginástica, trabalhos manuais e o canto de cânticos nacionais brasileiros. (Wright, p. 153)

(...)

Os primeiros jardins da infância foram criados em São Paulo, durante a presidência do Dr. Prudente de Moraes, dirigidos por duas mulheres capazes e enérgicas: Miss Macie P. Brown, de Boston, Massachusetts, especialista americana em organização escolar primária, e a Senhoraita Marquinhas de Andrade, uma professora brasileira talentosa formada pela Escola Normal de Nova York. A essas duas educadoras deve-se não só a adoção bem-sucedida do jardim da infância no Brasil como a organização do sistema moderno das escolas normais agora existentes, cuja influência foi muito importante para elevar o nível do ensino e aperfeiçoar, de maneira geral, os métodos de treinamento educacional. Algumas das melhores professoras das escolas públicas do Brasil de hoje são alunas da primeira escola organizada por Miss Brown e pela Senhoraita Andrade, na cidade de São Paulo. (p. 154)

Marie Robinson Wright acrescenta ainda um parágrafo referente à imprensa feminina, talvez a primeira apresentação dessa atividade desenvolvida por mulheres de classe média, no fim do século XIX.

Ao dar a história da imprensa no Brasil, é também preciso falar dos jornais publicados por mulheres. O primeiro que chama atenção foi dirigido, no Rio de Janeiro, por D. Violante Atabalipa

Ximenes de Byar. Sua primeira tentativa foi o *Journal das Senhoras*, o primeiro "jornal feminino" no Brasil. Mais tarde publicou *Domingo*, um semanário literário. Existe uma pequena e brilhante revista publicada hoje em São Paulo, dedicada aos interesses das mulheres e à causa feminista, a *Mensagem*, de propriedade e editoria de D. Prisciliana Duarte de Almeida. A história deste periódico é um alto tributo à capacidade empreendedorista desta mulher. Convencida da necessidade de um periódico feminino no Brasil e sem dinheiro com que equipar uma editora, tenazmente se pôs a trabalhar no preparo do primeiro número manuscrito, fazendo cerca de cinquenta cópias. A idéia vingou, entrou dinheiro das assinaturas e hoje é um dos mensais mais concorridos, recebendo a colaboração de escritoras do Brasil e da França: tem representante em Paris. O *Família* é o nome de uma revista de 1<sup>a</sup> classe, editada e publicada pela Senhora Josephina Alvares de Azevedo. Existem várias outras em diferentes partes do país. Os jornais diários não aderiram a "página feminina", embora publiquem itens de moda e notas sociais além do folhetim, que é uma modalidade literária de todos os jornais latinos. (p. 186)

Ainda que de forma fragmentada, percorreu-se a documentação de dezessete viajantes estrangeiras e de aspectos destacados nos livros escritos sobre afazeres domésticos, alimentação e higiene pessoal e cuidados com crianças em diferentes camadas da população brasileira. Observou-se que as qualidades implícitas na discriminação sexual das mulheres — fragilidade, vocação natural para o lar e para o trabalho doméstico — nem sempre estão presentes, embora sempre se tenha esperado que estivessem. Observou-se ainda que essas qualidades foram cobradas, tanto das viajantes estrangeiras, quanto das mulheres no Brasil. Algumas alterações de costumes e de educação feminina no decorrer do século XIX coexistiram com a persistência do ideal cultural, através de todas as mudanças, contradição em que se debateram as autoras apresentadas.

Finalmente, para instrumentar as reflexões sobre a documentação exposta a respeito das diferenças entre os papéis sociais masculinos e femininos e das diferenças entre os papéis femininos serão apresentados alguns trechos das 81 páginas do livro de Mme. Toussaint-Sanson:

Tinha eu notado na véspera à noite, uma moça branca, ou antes amarela (sic), de grandes olhos circundados de roxo, com os cabelos mal penteados, saía ordinária, tendo um menino pela mão e outro ao colo, e desconheci que fosse a mulher do administrador, o qual, entretanto, vestia fina camisa, e demais a roupa era decente, e tinha alguns conhecimentos em letras e ciências.

Comuniquei a minha suposição a meu marido, que, como todos os maridos do mundo, não fez caso disso, censurando mesmo esta mania que têm as mulheres de verem romances e dramas por toda a parte.

(Ela depois me confiou:)

— Ele me trata mal. As mulatas é que são aqui as verdadeiras senhoras, por causa delas meu marido injuria-me constantemente. (pp. 55-56)

Tinhamos por vizinha, na rua do Rosário, no andar superior, uma senhora espanhola que servia-se com quatro ou cinco escravas. Todos os dias representavam-se espantosas cenas por cima de nossas cabeças. Pela mais ligeira omissão, pela menor falta de uma delas, a espanhola castigava-as com chicote ou palmatória e nós ouvíamos as pobres pirlas langarem-se de joelhos, gritando: "perdão, senhor!" mas a implacável patroa não se deixava nunca enternecer e dava sem dó o número de pancadas que queria. Este espetáculo fazia-me um mal horrível.

Um dia em que as chicotadas choviam mais que de costume e os gritos corravam o coração, levantei-me repentinamente e dirigindo-me a meu marido, que, nascido no Brasil, de país francês, falava o português como a própria língua: "Como se diz *bourraim*?" perguntei-lhe — "Carasco!" respondeu-me ele sem compreender por que motivo lhe fazia eu a pergunta. Subo correndo a escada, abro a porta da espanhola e atiro-lhe esta única palavra: —

"Carasco". Foi esta a minha primeira palavra em português. Essa mulher ficou aterrada. Depois disso, não ouvindo eu nenhum ruído mais, julguei ter salvo as desgraçadas. Não foi assim: dali em diante a mulher as amordaçava para que os gritos não fossem ouvidos por mim. Foi tudo quanto ganharam com isso. (p. 28).

Uma das opiniões mais geralmente acreditadas acerca da brasileira é que ela é preguiçosa e conserva-se ociosa todo o dia. É um engano.

A brasileira não faz nada por si mesma, mas manda fazer; põe o maior empenho em não ser vista nunca em ocupação qualquer. Entretanto, quem for admitido à intimidade, achá-la-á pela manhã de tanchas, sem meias, com um penteador de caça por vestido, presidindo à fabricação de doces, cocadas, arrumando-os em tabuleiros de pretos e pretas, que os levam a vender pela cidade, qual doces, qual frutas, qual outro os legumes da hora.

Logo que estes saem, as senhoras dão tarefa de costuras às mulatas, pois quase todos os vestidos das crianças, do dono e da dona da casa são cortados e cosidos em casa. Fazem ainda lenços e guardanapos de ponto crivo, que mandam também vender. Cumpre que cada um dos escravos, chamados de ganho, traga à senhora a quantia designada no fim do dia, e muitos são castigados, quando vêm sem ela. É isto o que constitui o dinheiro para os alfinetes da brasileira e lhes permite satisfazer as suas fantasias. (...)

Como ia dizendo, uma brasileira se envergonharia de ser apanhada em qualquer ocupação, porque professam todas o maior desdém por quem quer que trabalhe. O orgulho dos americanos do sul é extremo. Todos querem mandar, ninguém quer servir. Não se admite no Brasil outras profissões além do médico, advogado ou negociante de grosso trato. (pp. 66-67)

#### Notas

- 1 GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma cidade neste país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*

(1956); WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil. Its resources and attractions, historical, descriptive and industrial* (1901); PFEIFFER, Ida. *Voyage d'une femme autour du monde* (1858). LANGLET DUFRESNOY, Mme. *Quinze ans au Brésil ou excursions à la Diamantine* (1861).

- 2 B... Virginie Leonine. *Letras inéditas sur Rio de Janeiro et diverses equisses littéraires* (1872); BINZER, Ina von. *Os Meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. 2ª ed. 1980; THERESE, Prinzessin von Bayern. *Meine Reise in den Brasilienischen Tropen* (1883).

#### Bibliografia

- AGASSIZ, E. C. *Viagem ao Brasil (1865-1866)*, trad. de João Etienne Arriguy Filho. Belo Horizonte: Itatiaia, S. Paulo: Edusp, 1975.
- ARAÚJO, Nara. *Viagens al Caribe (Sec. XIX)*. Habana: Casa de las Americas, 1983.
- B... Virginie Leonine. *Letras inéditas sur Rio de Janeiro et diverses equisses littéraires*. Evreux: Imprimerie Lithographique de Monnier, 1872.
- BINZER, Ina von. *Os Meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Trad. de Alice Rossi e Luísa da Gama Cerqueira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRASSEY, Annie. *A voyage in the "Sunbeam" (our home on the Ocean for eleven months)*, 2. ed. London: Longmans, Green and Co., 1878.
- BURTON, Isabel Arundell. *The Life of Captain Sir Richard F. Burton, K. C. M. G., by his wife*. London: Chapman & Hall, 1893. 2 vols.
- CALDERON DE LA BARCA, Mme. *La Vida en Mexico (1839-1842) durante una residencia de dos años en ese país*. Trad. pteólogo e notas de Felipe Teixidor. Mexico: Editorial Porrúa, 2 vols.

- DICKINS, Marguerite. *Along shore with a man-of-war*. Boston: Arena Publishing Company, 1893.
- DRUFRESNOY, Langlet Mme. *Quinze ans au Brésil ou excursions à la Diamantine*. Bourdeaux: Imprimerie de G. Charol, 1861.
- FREYCINET, Rose de Sautes de. *Journal de Madame Rose de Sautes de Freycinet (1817-1820) d'après le manuscrit original accompagné de notes par Charles Duplomb*. Paris: Société d'Éditions Géographiques, Maritimes et Coloniales, 1927.
- GAZOLLA, Ana Lucia Almeida. *Mulheres à Deriva Virgínicas Anglo-Americanas no Brasil*. Cadernos de Pesquisa: Belo Horizonte: NADq/FALE/UFMG, n. 27, 86p + illust, 1995.
- GELABERT, Carmen Oliver de. *Viaje político à Petrópolis*. Rio de Janeiro: Imprensa del Apostol, 1872.
- GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma estada nase país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. Trad. e notas de Americo Jacobina Lacombe. São Paulo: Editora Nacional, 1956.
- HUMPHREY, Alice R. *A summer journey to Brazil*. New York: Bonell, Silver & Co., 1900.
- LANGENDONCK, Mme. Marie van. *Une colonie au Brésil. Récits historiques*. Anvers: Imp. L. Gerrits, 1862.
- LANGSDORFF, Baronne E. de. *Journal de la Baronne É de Langsdorff relatant son voyage au Brésil à l'occasion du mariage de S. A. R. le Prince de Joinville*. Paris: Les Amis des Musées de la Marine, 1954.
- MOREIRA LEITE, M. L. A dupla documentação sobre mulheres nos livros das viajantes. In: Fundação Carlos Chagas. *Vivência* (História, sexualidade e imagens femininas). São Paulo: Brasiliense, 1980, pp. 195-226.
- PEEPPER, Ida. *Voyage d'une femme autour du monde*, traduit de l'allemand avec l'autorisation de l'auteur par W. de Suckau. Paris: Librairie de L. Hachette, 1858.
- THERESE, Prinzessin von Bayem. *Meine Reise in den brasilianischen Tropen*. Tradução não publicada de Anna Lischter. Berlim: Verlag von Dietrich, 1883.
- TOUSSAINT-SAMSON, Adle. *Viagem de uma parizienne ao Brasil (estudo e crítica dos costumes brasileiros)*. Trad. de A.E.C.C. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Constr. de J. Villeneuve, 1883.
- WRIGHT, Marie Robinson. *The New Brazil. Its resources and attractions, historical, descriptive and industrial*. Philadelphia: George Barrie, London: C. D. Cazenove & Son, 1901.